

ADAILTON SERGIO PUPIA

**A ORQUESTRA DE VIOLÕES COMO FORMAÇÃO
CAMERÍSTICA AO VIOLONISTA**

Tema: A Música de Câmara para Violão

**Trabalho apresentado ao I Simpósio Acadêmico de Violão da Embap
de 1 a 6 de outubro de 2007**

A Orquestra de Violões como formação Camerística ao Violonista¹

Adailton Sergio Pupia²

Resumo: A inserção do violonista na música de câmara e no repertório tradicional, este usado como referência estética, vem sendo cada vez mais discutida e levada a sério pelos professores do instrumento, pois é uma grande lacuna na formação do estudante. Uma boa forma de interação e iniciação nesta prática é a Orquestra de Violões. A orquestra visa à iniciação do violonista na música de câmara e o seu desenvolvimento coletivo musical, trabalhando repertório e compositores não tão convencionais ao instrumento, e educando de forma similar a de um músico de orquestra sinfônica, por exemplo.

Palavras-Chave: Orquestra. Câmara. Violão. Formação.

O violão é um instrumento recente comparado com os demais. Pode-se dizer que os instrumentos eminentes do século XX e que mais passam por processos de evolução são o violão e os instrumentos de percussão.

Com o seu surgimento no final do século XIX, o violão como vemos hoje, na sua forma e estrutura de construção, vem a cada dia sofrendo um benéfico crescimento e proliferação, tanto no aspecto de construção (lutheria), como em sua execução e variedade de repertório.

Partindo de seus precursores, como a vihuela, alaúde, guitarras barrocas e demais similares, os instrumentos de cordas dedilhadas sempre se propuseram ao acompanhamento, seja de voz ou de outros instrumentos (ora fazendo harmonia, ora o baixo-contínuo). Com o passar dos anos a música para violão solo cresceu

¹ Trabalho apresentado ao I Simpósio Acadêmico de Violão da Embap, de 1 a 6 de outubro de 2007.

² **Adailton Sergio Pupia.** Graduando do Curso Superior de Instrumento da Escola de Música e Belas Artes do Paraná, na classe do Prof. Orlando Fraga.

consideravelmente, porém a música de câmara para o instrumento nem tanto. Com isso criou-se uma geração de virtuosos solistas que, por um lado, apresentavam pouquíssima prática aplicada a música de câmara (fato comum aos demais instrumentos já no início de sua formação).

Ao iniciar seus estudos, o jovem violonista desenvolve aspectos mecânicos e técnicos e trabalha o repertório para seu instrumento, sendo que boa parte são obras solos. O violonista não tem muito contato com a música tradicional erudita, devido a diversos fatores sociais e históricos, pois não há composições dos “grandes” mestres entre os diversos períodos da música, compositores de referência histórica. Assim, o violão não se insere nesse contexto orquestral. Até recentemente o violão era considerado um instrumento de caráter popular, seus executante com personalidade voltada para boêmia, e sem conhecimento da cultura musical erudita, ou seja, o violonista não era levado muito a sério, e seu espaço foi sendo conquistado aos poucos. Foi o espanhol Andrés Segovia que inseriu o violão nas salas de concerto, incentivando grandes compositores da época, como é o caso de Heitor Villa-Lobos.

A música sempre teve um relativo atraso crítico em relação às demais artes. Era a forma de expressão que surgia após cada movimento artístico e social ter sido iniciado. Raras vezes a música tomou a frente de uma nova fase estética. Com a música para violão não é diferente. Podemos tomar como exemplo o romantismo: enquanto compositores para piano, orquestra, ópera e demais instrumentos já começavam a escrever nessa linguagem de expressão, os compositores para violão ainda trabalhavam em um estilo classicismo tardio. Vale ressaltar que grande parte dos compositores para violão eram intérpretes que escreviam para seu instrumento, e não compositores no sentido mais tradicional da palavra. O violão é um instrumento muito peculiar, por isso poucos compositores arriscaram-se a escrever para este instrumento. Para que se possa desenvolver uma peça de qualidade, faz-se necessário conhecer profundamente os idiomatismos aplicáveis a ele. Já no século XX, a produção para violão aumentou consideravelmente, inclusive sua música de câmara. Os compositores perceberam os recursos e as novas formas de explorar o instrumento, inserindo o violão no repertório de sua época.

A formação do violonista nesta última década melhorou graças ao grande crescimento de instrumentistas, teóricos, compositores, acesso a materiais didáticos, maior contato com diversos músicos e estilos, e a melhor formação acadêmica dos intérpretes. Esses fatores contribuíram também para que um trabalho camerístico de alto

nível se tornar possível. Como prática, além de formações tradicionais como duos, trios, quartetos, a grande contribuição ao violonista é a orquestra de violões. A princípio seria impossível integrar um violonista em uma orquestra sinfônica habitual, por vários motivos, tais como a pouca experiência nessa prática e o seu repertório, a pequena quantidade de obras orquestrais que contem violão como instrumento integrante, dentre outras

Uma orquestra de violões basicamente tem o mesmo funcionamento de uma orquestra de cordas friccionadas, são geralmente quatro naipes, com as mesmas funções de uma orquestra tradicional. Nesta modalidade, uma das maiores dificuldades é a precisão do grupo quanto ao ataque, que deve ser muito preciso, como uma orquestra de cordas tocando todo o tempo em *pizzicato*.

Algumas orquestras existentes em diversos países desenvolvem um trabalho com instrumentos específicos para essa formação, ou seja, os violões de oito cordas para os baixos, e violões requintos (terça acima do violão normal) para as vozes mais agudas.

Com esta formação, o violão não fica restringido e limitado há apenas determinados períodos da música, mas pelo contrário, podem ser trabalhadas obras de grande porte musical e estético, como concertos, óperas, aberturas, transcritas para essa formação. Mais recentemente, um grande número de obras originais para esta formação vem se somando ao repertório. O violão tem uma série de recursos timbrísticos e outros efeitos, que podem ser usados para dar um melhor suporte para a estrutura da orquestra - efeitos de percussão, ruídos, arpejos, dentre outras técnicas.

Não obstante, transcrições e adaptações de obras operísticas, sejam estas barrocas ou clássicas, tem um excelente resultado para este tipo de formação, dada a complexidade imposta para este tipo de acompanhamento, uma das modalidades mais complexas entre os diversos gêneros.

Obras como serenatas, suítes, danças, sinfonias clássicas, todas estas são de uma riqueza para o jovem estudante, tanto em aspectos técnicos, como formais e históricos, e a aproximação daquele período e de sua linguagem.

A orquestra de violões, como formação camerística vem criando seu espaço nos últimos anos devido à necessidade de se explorar um repertório pouco executado para o instrumento, a possibilidade de se inserir solistas ou músicos convidados, sejam estes de sopros, cordas friccionadas, percussão, madeiras ou canto, passando a peculiaridade destes instrumentos e a forma como devem trabalhar para articular com eles, e demais aspectos técnicos - interpretativos e estéticos.

Atualmente há uma significativa quantidade de orquestras de violões formadas por estudantes. Este tipo de formação vem crescendo e se desenvolvendo, criando um futuro promissor para este tipo de grupo, transformando-a em corpo musical estável. Vários são os benefícios atingidos com essa formação, como por exemplo, a leitura musical do violonista, aspecto pouco explorado no instrumento e de grande dificuldade, fazendo assim os jovens instrumentistas desenvolva este aspecto da formação bastante negligenciado. A ausência desta prática já no início dos estudos, aliado à falta de orientadores-regêntes especializados, para conduzir essa formação, tem sido os maiores problemas encontrados para o pleno desenvolvimento desta modelidade.

Construindo diversas ferramentas para que a sua interpretação e execução sejam cada vez mais ricas e criteriosas, aplicando todo esse aprendizado musical, estético, técnico, histórico, também em sua obras solos, é possível se formar uma geração de violonistas bem preparados para o mercado de trabalho, não apenas concertistas, mas teóricos, pedagogos, pesquisadores, compositores, enfim, um profissional com uma melhor capacitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, Roy. *Uma breve História da Música*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

CADERNOS SONORA BRASIL. *A História do Violão – Mostra de Instrumentos Musicais*. São Paulo: Sesc, 2005.

CARLEVARO, Abel. *Serie Didactica para Guitarra*. Buenos Aires: Barry, 1966.

CASSELLA, A. MORTANI, V. *La técnica de la Orquesta Contemporânea*. Buenos Aires: Ricordi Americana, 1950.

COPLAND, Aaron. *A Nova Música*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1969.

D'OLIVET, Fabre. *Música apresentada como Ciência e Arte*. São Paulo: Madras Editora Ltda, 2004.

DUDEQUE, Norton. *História do Violão*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1994.

GROUT, Donald Jay. *Historia de la Musica occidental*. 1.ed. Madrid: Alianza Musica, 1984.

HANSLICK, Eduard. *Do Belo Musical. Um Contributo para a Revisão da Estética da Arte dos Sons*. Lisboa: Ed. 70 Ida. 1981.

HARNONCOURT, Nikolaus. *O Discurso dos Sons: Caminhos para uma nova compreensão musical*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

LUNA, S.V. de. *Planejamento de Pesquisa*. São Paulo: Ed. da Educ, 2002.

ROSEN, Charles. *A Geração Romântica*. São Paulo: Edusp, 2000.

RUDOLF, Max. *The Grammar of Conducting*. New York: G. Schirmer, Inc, 1950.

SADIE, Stanley. *Dicionário Grove de Música*. edição concisa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

SIMMS, Bryan R. *Music of the Twentieth Century*. 2. ed. New York: Schirmer Books, 1996.

ZANDER, Oscar. *Regência Coral*. Porto Alegre: Movimento, 1987.